

## “...O vento voa e varre as velhas ruas...”: a criação poética de Raul Seixas

Vitor Cei Santos

“...O vento voa e varre as velhas ruas...” são palavras extraídas da letra de uma canção do artista baiano cosmopolita Raul Seixas. A canção, nomeada *Novo Aeon*, escrita em parceria com Cláudio Roberto e Marcelo Motta, está no disco *Novo Aeon* (SEIXAS, 1975), lançado em 1975. O subtítulo da comunicação fala sobre a criação poética de Raul Seixas. A intenção é mostrar o desde onde Raul Seixas fez sua criação poética e que mensagem ele quis transmitir. Como o título já acena, o encaminhamento será feito através da interpretação da letra da canção-poema *Novo Aeon*.

A primeira questão que aparece é: o que é um Aeon? Aeon é uma palavra latina derivada do grego *Aión*, que apresenta os sentidos de era, tempo, geração ou eternidade. Novo Aeon é, pois, um novo tempo histórico, uma nova era. “Era”, por definição, é uma época histórica com características próprias e intransferíveis, que serve de base a um sistema cronológico e que se inicia por uma data memorável que origina uma ordem diferente no curso dos acontecimentos (HOUAISS, 2006). É necessário, pois, para pensar a criação poética de Raul Seixas, analisar essa época histórica em ele viveu e da qual ele fala.

Nas palavras de Raul Seixas: “o fenômeno mágico que no momento presente invade todos os pa-

íses e todas as línguas, infiltra-se desde o homem mais pobre até o industrial abastado, nada mais é do que o Novo Ciclo Cósmico que se inicia” (ESSINGER, 2005, p. 89). “Novo Ciclo Cósmico” parece coisa esotérica, mística, irracional. Realmente, a obra de Raul Seixas foi criada no tempo da contracultura, que marcou toda uma geração de jovens de classe média urbana, intelectuais e artistas, do Brasil e do mundo. E a contracultura, tradicionalmente, é associada a coisas pouco sérias como hippies, drogas e rock n’roll (ALBUQUERQUE, 2001). Raul, homem do seu tempo, imerso na contracultura, reúne, em seu saber poético-musical, drogas, rock, astrologia, magia, ocultismo e filosofia, dissolvendo as fronteiras entre esses diferentes saberes e fazeres.

Esse período histórico que Raul Seixas chama de Novo Ciclo Cósmico, Novo Aeon, é denominado pela história e pela filosofia de contemporaneidade ou pós-modernidade. Esta última palavra, antecedida do prefixo pós, indica uma época história que veio depois da modernidade. Então, antes de avançar em uma análise da pós-modernidade, é preciso dar um passo atrás e indagar: o que é a modernidade?

A data memorável que marca o início da modernidade, segundo o filósofo Enrique Dussel (1993), é o dia 12 de outubro de 1492, quando Cristóvão Colombo chegou a algumas ilhas na parte ocidental

do Atlântico. As minúcias históricas da invasão da América não vêm ao caso. O que importa, aqui, é saber que o ano de 1492 marca o início de uma das maiores tragédias da história da humanidade: conquista, escravidão, genocídio e etnocídio de povos indígenas e africanos. Dussel também afirma que, embora o nascimento da América tenha se dado em 1492, sua gestação, como a de um feto, levou um tempo de crescimento intra-uterino que originou uma ordem diferente no curso dos acontecimentos.

Do Renascimento europeu à Revolução Científica dos séculos XVI e XVII, uma série de reações contra o mundo medieval deu origem aos tempos modernos. Romperam-se as correntes que aprisionavam o homem num universo finito, hermético e divino. Os anjos foram expulsos do céu, que passou a ser objeto de estudo científico e, no século XX, destino de viagens interplanetárias; o teocentrismo foi substituído pelo antropocentrismo; à fé, contrapôs-se a razão; ao cristianismo, opôs-se o racionalismo cientificista. A matematização do real renegou e desqualificou as cores, sabores, cheiros e sons da natureza e das criações humanas. A burguesia enriqueceu financeiramente, se fortaleceu politicamente e passou a impor seu modo de vida. As terras, oceanos e céus foram loteados e privatizados; o espírito de associação foi substituído pelo individualismo; a esperança da felicidade eterna no paraíso foi substituída pela felicidade na sociedade; o homem converteu-se em sujeito; a natureza, desencantada e absorvida dentro da imanência da subjetividade, passou a ser objeto de investigação e dominação científica. Instaurou-se, no mundo globalizado, uma racionalidade discursiva, abstrata, instrumental, burocratizante e dominadora.

*O Manifesto do Partido Comunista*, de Karl Marx

e Friedrich Engels, publicado em 1848, resume o modo como a burguesia moldou a era moderna.

Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia destruiu todas as relações feudais, patriarcais, idílicas. Dilacerou impiedosamente os variegados laços feudais que ligavam o ser humano a seus superiores naturais, e não deixou subsistir de homem para homem outro vínculo que não o interesse nu e cru, o insensível “pagamento em dinheiro”. Afogou nas águas gélidas do cálculo egoísta os sagrados frêmitos da exaltação religiosa, do entusiasmo cavaleiresco, do sentimentalismo pequenoburguês. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca e no lugar das inúmeras liberdades já reconhecidas e duramente conquistadas colocou a liberdade de comércio sem escrúpulos. Numa palavra, no lugar da exploração mascarada por ilusões políticas e religiosas colocou a exploração aberta, despudorada, direta e árida (Marx; Engels, 2001, p. 47-48).

Se a modernidade teve início com histórias terríveis, seu fim não foi diferente. Na primeira metade do século XX, a ambição imperialista dos países europeus (e dos EUA), estimulada pela voracidade do capitalismo e sustentada pela tecno-ciência, proporcionou duas barbáries de impacto planetário: a I e a II Guerras Mundiais. Duas cidades, uma polonesa e outra japonesa, simbolizam o terror da época: Auschwitz e Hiroshima, o holocausto e a bomba atômica.

No período pós-guerra, a velha racionalidade moderna entrou em crise e o vento passou a varrer as velhas ruas. Nascia a pós-modernidade. A socióloga Leila Albuquerque descreve o modo como nos idos de 1960 se desenvolveu uma contraposição à racionalidade moderna.

Esta oposição, ou resistência, se concretizou através da procura por saberes e práticas estranhos à cultura ocidental moderna, como a valorização do artesanato, os movimentos ambientalistas, a procura por religiões orientais e cristãs, o resgate da cultura popular e indígena, a prática da ioga, a vida em comunidade e a busca de estados alterados de consciência através do êxtase religioso, da música e das drogas (ALBUQUERQUE, 2001, p. 117).

Todas as características apresentadas por Albuquerque se encontram na vida (biografia) e na obra (discografia) de Raul Seixas. Agora que foram feitas essas considerações, é possível nos lançar, sem pressa, na tarefa de relacionar a criação poética de Raul Seixas - a partir de uma interpretação da canção-poema *Novo Aeon* - com o advento da pós-modernidade. Época que, salvo diferenças, ainda é nossa, habitantes do século XXI. É preciso escutar a música para, em seguida, analisar atentamente cada estrofe.

O sol da noite agora está nascendo/ Alguma coisa está acontecendo/ Não dá no rádio nem está/ Nas bancas de jornais/ Em cada dia ou em qualquer lugar/ Um larga a fábrica, outro sai do lar/ E até as mulheres dita escravas/ Já não querem servir mais/ Ao som da flauta da mãe serpente/ No para-inferno de Adão na gente/ Dança o bebê/ Uma dança bem diferente/ O vento voa e varre as velhas ruas/ Capim silvestre racha as pedras nuas/ Encobre asfalto que guardavam/ Histórias terríveis/ Já não há mais culpado nem inocente/ Cada pessoa ou coisa é diferente/ Já que é assim, baseado em que você pune/ Quem não é você?/ Ao som da flauta da mãe serpente/ No para-inferno de Adão na gente/ Dança o bebê/ Uma dança bem diferente/ Quer o meu não é roubar o seu/ Pois o que eu quero é só função de eu/ Sociedade Alternativa/ Sociedade Novo Aeon/ É um sapato em cada pé/ Direito de ser ateu ou de ter fé/ Ter prato entupido de comida que você mais gosta/ É ser carregado ou carregar gente nas costas/ Direito de ter riso, de prazer/ E até direito de deixar, Jesus sofrer (SEIXAS, 1975).

“O sol da noite agora está nascendo”. A metáfora do sol, tradicionalmente, apresenta os sentidos de claridade, brilho, esplendor; estado de espírito positivo, alegria, felicidade, esperança; ou ainda, o guia que ilumina, dirige e lidera (HOUAISS, 2006). O sol é, pois, o guia que vai retirar a humanidade da noite representada pela racionalidade moderna. Nas palavras de Raul: “O Novo Aeon é um desses momentos em que a natureza e a ordem dos tempos determinam uma nova e fantástica mutação dos valores antigos” (ESSINGER, 2005, p. 100). E, para ver o novo, é preciso um olhar novo: “os que ainda usam olhos-velhos estarão sempre olhando o novo e aplicando seus mesmos valores velhos, pois o velho vê o novo com olhos velhos” (ESSINGER, 2005, p. 100).

“Alguma coisa está acontecendo/ Não dá no rádio nem está/ Nas bancas de jornais”. O movimento novo aeon, apesar de ser planetário, ainda não era, na década de 1970, um movimento de massa incorporado à indústria cultural. E, se alguma coisa acontecia, não existia um projeto coeso e organizado. A pós-modernidade se caracteriza muito mais por um protesto contra os valores modernos do que realmente por um movimento com propostas efetivas. Atualmente, o mercado capitalista, herança moderna, incorporou os valores pós-modernos. Desenvolveu-se um comércio voltado para produtos e serviços de slogan e estética hippie, punk, mística, esotérica, oriental, naturalista e ufologista. Até o turismo se vale disso, promovendo cidades no interior do Brasil onde, acredita-se, existem passagens secretas para outras dimensões ou outros planetas, onde viveriam civilizações espiritualmente mais avançadas.

“Em cada dia ou em qualquer lugar/ Um lar-

ga a fábrica, outro sai do lar”. É a libertação das águas gélidas do cálculo egoísta, o rompimento com o modo de vida imposto pela burguesia. Nas palavras de Raul:

Hoje eu sei que é possível o Mundo Novo, porque estou sentindo que a semente libertária já foi plantada sem imposição; o próprio processo histórico, o próprio sofrimento humano, as condições, a falsa ética, as mentiras convencionais, dogmas enganadores, guerras, desgraças e opressões, a própria arbitrariedade da sociedade foram pouco a pouco denunciando o caminho do universalismo, da paz e da harmonia (ESSINGER, 2005, p. 85).

“E até as mulheres dita escravas/ Já não querem servir mais”. A modernidade tem como característica o patriarcalismo machista. O *pater*, pai, representa autoridade e proteção. No Brasil colonial, por exemplo, o pater era o senhor de engenho que estendia seu domínio político, econômico e militar sobre a Casa-Grande, a Senzala e vastas extensões territoriais. Na Europa e nos Estados Unidos, o burguês dominador representava a figura paterna. A contracultura se contrapõe ao patriarcalismo, valorizando as mulheres e os valores femininos. Em 1975, ano do lançamento do disco *Novo Aeon*, a ONU organiza a Primeira Conferência Mundial das Mulheres, sediada no México. Na ocasião propôs-se a criação do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (<http://www.unifem.org.br>), fundado no ano seguinte.

“Ao som da flauta da mãe serpente/ No paraíso de Adão na gente/ Dança o bebê/ Uma dança bem diferente”. Aqui, um jogo de palavras com múltiplos sentidos. Serpentão é o nome de um antigo instrumento musical, semelhante a uma flauta em forma de serpente. A serpente, na tradição cristã, re-

presenta o mal, o diabo, o inferno. Foi ela quem seduziu Eva a comer do fruto da árvore da sabedoria. Por outro lado, em antigas crenças pagãs, sobretudo em sociedades matriarcais, a serpente é vista como um animal vital e benéfico. E, além disso, na natureza, as serpentes não cuidam da prole. O filhote de uma cobra já nasce sabendo sobreviver sozinho. Por isso, a mãe serpente não impõe sua autoridade sobre os filhos. Assim, o bebê, que é o Novo Aeon, dança de modo diferente, livre do jugo de autoridades, desvincilhado dos antigos valores modernos.

“O vento voa e varre as velhas ruas/ Capim silvestre racha as pedras nuas/ Encobre asfalto que guardavam/ Histórias terríveis”. O vento da transformação varre as ruas da modernidade. O capim silvestre representa as forças da natureza que querem reocupar seu lugar de direito, que foi usurpado pelo concreto e pelo asfalto. E esses asfaltos, as maravilhas do progresso técnico e científico, encobrem as histórias terríveis da modernidade: escravidão, exploração, guerras, terrorismo, miséria, fome e atrocidades sem fim.

“Já não há mais culpado nem inocente/ Cada pessoa ou coisa é diferente/ Já que é assim, baseado em que você pune/ Quem não é você?”. Raul Seixas disse que o *Novo Aeon* é o disco do caminho individual (PASSOS, 2003, p. 108). Na nova era as singularidades são extravasadas. Não há mais norma, moral ou ética indiscutível. Se o sujeito moderno suplantou o Deus Pai, o indivíduo pós-moderno, livre da autoridade paterna, pode fazer o que quiser. “Não existe outro Deus senão o próprio homem”, afirmou Raul Seixas. “Faze o que tu queres, há de ser tudo da lei”, canta Raul, citando a *Lei de Thelema*, do escritor ocultista inglês Aleister Crowley (1999).

“Querer o meu não é roubar o seu/ Pois o que eu quero é só função de eu/Sociedade Alternativa/Sociedade Novo Aeon/ É um sapato em cada pé/ Direito de ser ateu ou de ter fé”. Como o próprio Raul explica: “Cada qual é seu próprio dono e juiz, livre pra fazer e dizer o que nasceu pra ser” (ESSINGER 2005, p. 100). É a mesma postura anárquica e libertária do homem indivíduo pós-moderno: “cada um de nós é um universo”, logo, qualquer proposta de padronização é “medo de saber que é lindo ser diferente de todos os demais” (ESSINGER, 2005, p. 179). Conclui Raul que esse é um processo radical de profanação de todos os valores a fim de encontrar a si mesmo como um ser alternativo (ESSINGER, 2005, p. 193).

“Ter prato entupido de comida que cê mais gosta/ É ser carregado ou carregar gente nas costas/ Direito de ter riso, de prazer”. Outro canto libertário. Desta vez, apregoando um hedonismo a fim de tentar superar o mal estar insuportável da herança moderna. Histórias terríveis do passado e do presente. É um grito contra censura da ditadura, que privou o brasileiro do direito de ter riso de prazer.

“E até direito de deixar, Jesus sofrer”. Podemos dizer que a proposta pós-moderna é inventar novos jogos sagrados, tentando expurgar os antigos valores, rompendo os grilhões, em busca de alternativas para viver diante da crise de valores. Raul afirmou:

A Era de Jesus já passou, ele morreu na cruz, sofreu. Mas eu não tenho nada a ver com isso. É burrice ser infeliz e é inteligente sobreviver em pleno 1975. Aí, chamei a todos os meus fantasmas para a briga, fui lá no fundo e saquei a causa de tudo. Era o medo, imposto a mim desde criança. Hoje não sou feliz ou infeliz. Eu sou (ESSINGER, 2005, p. 193).

Ele é, ou foi. Sem predicados ou adjetivos, sem rótulos, sem filiações a grupos. Raul Seixas, filho do pós-guerra, mergulhado na crise da racionalidade moderna, apesar de defender o caminho individual, quis deixar sua marca e transmitir suas idéias. Em um país vigiado pela censura, com mais de 18 milhões de analfabetos [33,7% da população, segundo senso demográfico do IBGE de 1970 (PINTO, 2000)], a música comercial foi um meio rápido e eficiente de comunicar sua mensagem visionária do Novo Aeon. Sua criação poética, mais do que arte, era um meio de comunicação: “Porque eu não vejo a música como arte. Música é apenas a vomitada de cada pessoa. Uma cusparada. É a expressão de cada um” (PASSOS, 2003, p. 27).

#### Notas

Vitor Cei Santos é bacharel em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo.

#### Referências

<sup>1</sup>ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de. Oriente: fonte de uma geografia imaginária. Revista de Estudos da Religião - REVER. Pós-graduação em Ciências da Religião - PUC-SP. N. 3, Ano 1, 2001. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/rever>>. Acesso em: 05 Abril 2007.

<sup>2</sup>CROWLEY, Aleister. Liber Al Vel Legis. Trad. Marisol A. Seabra. Ordo Templi Orientis, 1999. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 06 Abril 2007.

<sup>3</sup>DUSSEL, Enrique. 1492: O encobrimento do outro (a origem do mito da modernidade). Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

<sup>4</sup>ESSINGER, Silvio (org). O Baú do Raul Revirado. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

<sup>5</sup>HOUAISS, Antonio et al. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. 01 CD-ROM.

<sup>6</sup>MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

<sup>7</sup>PASSOS, Sylvio (org). Raul Seixas por ele mesmo. São Paulo: Martin Claret, 2003.

<sup>8</sup>PINTO, José Marcelino de Rezende et al. Um olhar sobre os indicadores de analfabetismo no Brasil. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 81, n. 199, p. 511-524, set./dez. 2000.

<sup>9</sup>SEIXAS, Raul. Novo Aeon. Direção de Produção: Mazola. Philips, 1975. 01 CD de áudio.